

25 de julho de 2025
nº6
ano 4

Tatuí - SP

JORNAL

BULI

30º FETESP

FESTIVAL
ESTUDANTIL
DE TEATRO
DO ESTADO
DE SÃO PAULO

tatuí conservatório
de música e teatro



NO FRESCOR DA HORA

5

ÁREA DE RISCO

YMOIRÁ MICALL

APRECIÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

12

VAI PARA ONDE?

ANA MACHADO

16

**TERRITÓRIO REVOLTA: É POSSÍVEL HABITAR O
TEATRO COM LEVEZA?**

LUCAZ EUSÉBIO

PERFIL

22

SOBRE AS ÁGUAS

MARIA LUIZA QUEIROZ FREIRE

CHARGES

28

EM SÃO PAULO A VIDA É TÃO BOA

GABRIEL

28

LIBERDADE

TADEU RENATO

29

MANDUKA

LARA MIRARTE

29

COM CARINHO PARA BANDO 18

KAIÃO

30

"NAVEGAR É PRECISO..."

KAIÃO

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

31

MERDA! – AOS BASTIDORES

ANA MACHADO

34

**ACESSIBILIDADE EM CENA: BASTIDORES DE
UMA ATRIZ PGD**

SARAH NOGUEIRA

37

BEBERAGENS DE ESPECTADOR

MARCUS GROZA

44

ENTRE O SENTIR E O SABER

TADEU RENATO

AINDA REVERBERA

48

GRITO MANIFESTO

SASÁ DE SOUZA

49

**PARA ONDE VÃO NOSSOS FILHOS,
DIANTE DO PERIGO E DO RETROCESSO?**

VINICIUS

51

SILÊNCIO

SARZI

53

“POR VISÕES”

JHONY FURLANETO

55

**A BANDEIRA DA INCLUSÃO SE FRAGILIZA
QUANDO PENSADA EM RETALHOS.**

PESSOA ANÔNIMA

BASTIDORES

58

FOTOS POR CAMILA FONTENELE

EXPEDIENTE

63



ÁREA DE RISCO

POR YMOIRÁ MICALL

apreciação para o espetáculo *Azimute*,
a partir do painel conduzido por Lígia
Helena de Almeida – VQV e Valéria Rocha –
Conservatório de Tatuí.

Azimute é mais que uma peça de teatro: é um convite ao mergulho interior, guiado pelas ondas da coragem e do silêncio. Inspirada na travessia solitária de Amyr Klink a remo, do porto de Lüderitz, na Namíbia, até Salvador, a montagem da Cia Fresquinha, com alunos da UNICAMP, transforma a odisseia marítima em uma experiência profundamente sensorial e emocional. A narrativa dramatiza com

delicadeza episódios marcantes da viagem, como as coincidências geradas durante toda a experiência, os desafios enfrentados em alto-mar e o momento em que Amyr avista a estrela de Lüderitz pela última vez no horizonte — símbolo de tudo que ficou para trás, mas também farol daquilo que o impulsiona adiante. A peça não busca reconstituir os fatos, mas traduzi-los em poesia cênica, revelando os sentimentos ocultos entre y através de cada remada. “Azimute” é um termo da navegação e da astronomia que designa a direção ou o ângulo entre o norte e um ponto observado no horizonte. Em outras palavras, é a orientação — o caminho que se escolhe tomar.

O seminário cênico, com direção de Lara Duarte y apresentado no Teatro Procópio Ferreira, no centro de Tatuí, também insere uma camada política e histórica ao destacar a origem da travessia: a costa da Namíbia, marcada por cicatrizes profundas deixadas pelo colonialismo alemão. O genocídio dos povos herero e nama, entre 1904 e 1908 — considerado o primeiro genocídio do século XX — é evocado de forma sutil, porém poderosa. Ao lembrar essa tragédia silenciada, a peça constrói uma tensão entre o passado violento daquela terra e o gesto simbólico de partir dali em busca de algo novo.

Esse passado ressoa ainda mais forte quando, ao longo da encenação, somos apresentadas aos escritos de Tamara Klink, filha de Amyr, que hoje também desbrava mares, mas carrega em sua travessia a

consciência crítica que une memória, ancestralidade e identidade. Tamara, desde muito jovem, seguiu os passos oceânicos do pai ausente, mas ela não repete a rota — ela a reinventa. Em seus próprios relatos, carrega não só o peso do mar, mas o de ser mulher em um território ainda masculinizado: o da aventura solitária, da exploração e da escrita. “A palavra tem poder”. Ao inserir essa presença rebelde feminina no fio narrativo da peça, a encenação nos lembra que há muitas formas de navegar — e que as mulheres, por séculos excluídas dessas histórias, agora as escrevem com mãos firmes e olhares próprios. Veremos camadas y camadas de sutiãs atirados ao mar, corpos livres em sua mais pura essência. Elas são completamente cool, ecléticas y deliciosamente histéricas devido a toda adrenalina da viagem. É dia de rock, bebê! Toda loucura não será castigada y nós iremos nos divertir essa noite.

“A base do teatro é se divertir enquanto faz. A diversão e a brincadeira como metodologia, mote de criação. Diversão é a poesia que diferencia nossa metodologia. Fazer poético.” Essa afirmação, extraída do *Diagrama—Manifesto Azimute* é uma filosofia de criação. A brincadeira e o prazer em cena não diminuem a potência da obra; ao contrário, a tornam mais viva, mais arriscada, mais verdadeira. Essa metodologia da diversão se manifesta como energia vital: o riso, o improvisado e o jogo entre os corpos em cena criam um espaço onde o fazer artístico é também fazer poético. A leveza é assumida como caminho para o sensível, para o que escapa ao controle, ao rígido, ao programado.

À primeira vista, pode parecer que tudo está fora do lugar — fragmentos soltos, vozes que se cruzam,

ritmos que se chocam. Mas, ao longo da peça, essa aparente desordem revela-se uma sinfonia brilhante, onde cada elemento, por mais diverso, encontra seu encaixe perfeito. O texto dialoga com a banda, a banda dialoga com a iluminação e dança com os movimentos dos atores, e assim o conceito se desdobra em múltiplas camadas que se entrelaçam com naturalidade. Rotas afinadas para construir juntos um mapa sensorial e emocional, onde sensações, caminhos e histórias se redesenham constantemente. Essa composição coletiva não apenas reforça o tema da travessia — feita de desafios, mudanças de rumo, objetivos e surpresas — mas também transforma a experiência do espectador em uma jornada onde cada detalhe importa. Em *Azimute*, essa dimensão aparece de forma contundente nas cenas que revelam o acúmulo de lixo. Plásticos, objetos descartados e resíduos surgem em cena não apenas como cenário, mas como personagens silenciosos da jornada. São vestígios de um mundo em colapso, onde o progresso deixou um rastro tóxico de excesso e abandono. Essa presença do lixo expõe o paradoxo da aventura: enquanto se busca o sublime, é impossível ignorar o que flutua ao redor — e dentro — do barco. “Todo barco flutua sobre um cemitério”.

Entre as diversas obras apresentadas no 30º FETESP, *Azimute* se destaca por sua ousadia temática. São um bando de caça-aventuras da rua abaixo, que nos relembram a cada momento o poder y a delícia de mergulhar em novos saberes. Nessa grande aula

de cartografia, história, ‘*charisma, uniqueness and talent*’, a Cia Fresquinha, deixa todo mundo quente, fazendo todo mundo gritar y nos conduzindo com um sorriso largo. O assunto pode até parecer confuso, pode gerar dúvidas, porém em momento algum somos largadas dessa grande canoa, que vai navegando y borrando os limites do que é cena y o que é os limites da plateia.

Esses não são viajantes de primeira viagem. Antes mesmo do início da peça, o público é convidado a viver uma experiência rara no Festival: subimos ao palco. Diferente da separação tradicional entre plateia e cena, *Azimute* já começa rompendo fronteiras. Pudemos circular livremente entre os adereços cênicos, artefatos de viagem, instrumentos náuticos, um corpo estendido no chão — fragmentos de um universo que, aos poucos, revelava sua narrativa. Era como visitar o interior de uma embarcação prestes a zarpar, ou um museu vivo da travessia que ainda estava por acontecer.

Ao final, *Azimute* não se propõe a oferecer respostas definitivas, nem a indicar um único caminho — e, sim, a abrir rotas múltiplas, a partir das quais cada espectador pode iniciar (ou continuar) sua própria jornada. Um privilégio raro. E que sorte a nossa poder embarcar.

Toda essa aventura é conduzida por uma equipe visivelmente afinada, sensível e preparada para navegar enormes ondas, tanto estéticas quanto conceituais. A Cia Fresquinha, com alunos da UNICAMP, não apenas constrói um espetáculo — ela ergue uma travessia coletiva, feita de escuta, rigor, liberdade e invenção.

NO FRESCOR DA HORA

E nesse mar de incertezas em que vivemos, oferecer arte viva, pulsante e ousada é, sem dúvida, um dos atos mais generosos que se pode realizar.



QR code para acessar o drive com materiais de pesquisa que da Cia. Fresquinha da Unicamp juntou ao longo do processo de criação do espetáculo *AZIMUTE*.

FOTOS JOÃO MARIA





VAI PARA ONDE?

POR ANA MACHADO

Bolsista de Apreciação Crítica para o espetáculo *Azimute*

“O azimute é um ângulo que mede a direção horizontal de um ponto em relação a outro, geralmente utilizando o norte como referência, e é medido em graus no sentido horário. Na prática, ele indica a direção para onde se deve olhar, enquanto a elevação indica a altura no céu”.

Algumas sensações são difíceis de se colocar em palavras, e *Azimute* não apenas faz isso, como também deixa a gente com aquele gostinho de “quero mais”. O elenco, desde a entrada do público, nos convoca

a quebrar as barreiras invisíveis entre palco e plateia e adentrarmos no universo que está prestes a ser criado. As pessoas olham os objetos dispostos no palco. E o elenco? Vem diretamente para nós. Nos convida, de forma intimista, a praticamente pegar em sua mão e viver a experiência junto delus, saindo do lugar de um mero “espectador”.

A peça tem como ponto de partida os diários de bordo dos velejadores Amyr e Tamara Klink, englobando questões da mulheridade, histórias não-contadas do início da colonização, o direito à narrativa, a “auto-morfose” – uma aula de transformação de si mesmo em etapas mega eficazes. Os atuentes nos engolem, degustam o espaço e se posicionam com todo o seu vigor. “*Imersos em si mesmos*” – frase dita durante a troca com o VQV – , mistura-se à cena enquanto conversam conosco, criando uma linha tênue de intimidade que nunca é quebrada. Será que é realmente necessário separar o ator do artista? Particularmente, ao assistir essa peça, isso não é uma questão, pois complementa ainda mais o nosso gosto em estar ali.

Existe uma condução explicativa e ao mesmo tempo descontraída que a Cia. Fresquinha – companhia da qual realizou a peça como uma conclusão de trabalho no Departamento de Artes Cênicas da UNICAMP – faz com esplendor e que nos integra de uma forma que, quando vemos, já estamos até fazendo um grito de guerra em conjunto sem ligar para os olhares alheios. Além disso, mescla-se uma montanha-russa de emoções, brincando com o didático sem ser arrogante, com o lúdico sem ser raso, com o poético sem ser inalcançável. Isso amplia a nossa relação com a peça já que nós, totalmente fisgados pelo encontro, não sabemos o que nos espera.

Tendo em vista tudo isso, nos entregamos ao desconhecido. De trabalhar o risco, a “*resistência do corpo em resistir à mudança*” como diz uma das falas. Se ali, em cena, os atuantes se jogam nesse processo de “automorfose”, de reinvenção de si, o que nos impede também de olhar para dentro e buscar essa travessia?

Azimute, dita como “peça intencionalmente buscada”, costura realidade e ficção com coragem e vitalidade. Nos convida a sentir com liberdade, a olhar o mundo com olhos de recomeço e a acessar histórias silenciadas com o respeito de quem escuta de verdade. E o melhor: a experiência não termina com as palmas. A Cia. Fresquinha compartilha com generosidade sua pesquisa por meio de um drive aberto ao público, prolongando o encontro e nos lembrando que o teatro também é partilha, memória e continuidade.

No fim das contas, *Azimute* não é sobre o destino. É sobre ter coragem de navegar — mesmo sem saber os caminhos, os empecilhos, os cemitérios no meio das travessias. “O ápice das coisas não é necessariamente o fim das coisas”.





TERRITÓRIO REVOLTA: É POSSÍVEL HABITAR O TEATRO COM LEVEZA?

POR LUCAZ EUSÉBIO

Bolsista de Apreciação Crítica para o
espetáculo *Vazio Agudo: uma utopia
poluída*

V*azio Agudo: uma utopia poluída* foi apresentado pela segunda vez no Festival Estudantil de Tatuí, hoje, dia 24 de julho de 2025, no Centro Cultural da cidade. Construído como trabalho de conclusão do

curso técnico em teatro, na Etec de Artes de São Paulo, foi a primeira vez que o coletivo teve a experiência de compartilhar seu trabalho fora da capital.

Assim que chegamos no espaço já chama a atenção o fato de vermos atuantes dispostos atrás da arquibancada e em volta do espaço cênico, numa coxia que permite que o público veja os corpos de relance. De roupas leves em tons terrosos, há quem segure caixotes de madeira de tamanho médio, que não parecem ser pesados, o mesmo tipo de caixotes que também estão dispostos no procênio. No chão, pisos táteis amarelos demarcam o espaço de dentro e fora da cena. Canhões de luz RGB colore o espaço. Na condução da sonoplastia, uma discotecagem solta os avisos sonoros, protocolo em todo FETESP, de maneira remixada, como a dizer ao que veio.

E ao som de *For the Love of Money* de The O'Jays, três mulheres negras vem dançando detrás das arquibancadas ocupando o espaço, de encontro com outra atriz vinda da coxia. Em tom de ironia, fazem propaganda de uma cidade dos sonhos; e batendo nos caixotes, inicia-se um leilão que logo se transforma num “rapa”. Ao som de funk e avisos sonoros de transporte público, descobrimos: estamos em São Paulo. A partir daí, a peça vai tentando construir paisagens das mazelas da metrópole. Paisagens essas que estão mais bem estabelecidas do ponto de vista sonoro e que, em outros aspectos, podem ser mais bem trabalhados para que alcancem o objetivo desejado.

O vazio no cenário exige do elenco um trabalho de corpo aprofundado, já que o mais importante são

essas atrizes em cena e as imagens que podem construir, para dar a ver ao público o que é dito. Acredito que um aterramento das presenças, investindo em transferência de peso e a fuga de um corpo cotidiano é o ponto de partida para fazer brilhar ainda mais as atrizes que já são potentes, cada uma a seu modo.

Há momentos de construções de imagens sublimes, como quando a atriz Ana Mickey Venturini vem ao centro e nos conta sobre o desejo de viver coisas leves como bolhas de sabão, e fala sobre um gato e um cachorro que a recebem quando volta pra casa. A presença dos animais se fez presente na cena: foi possível visualizar e sentir o que estava sendo narrado, sensação que foi compartilhada por mais pessoas que estavam na plateia. O que tem nessa cena que provoca esse efeito? E também na imagem, formada com os movimentos dos caixotes por todas as atrizes, de uma onda que nos trouxe mares, rios, diáspora e migração, que é o tema abordado na dramaturgia. O recurso da voz off, neste caso, trazendo depoimentos de pessoas reais, enriquece a imagem e vice-versa. O que é, nessas cenas, que provoca esses efeitos? Como isso pode ser utilizado para fortalecer outros momentos da peça?

É muito potente ver na cena um coro de jovens mulheres que trazem diversidade entre si mas que convergem e se apoiam na cena. Que buscaram uma confluência temática para contemplar as individualidades dentro do coletivo. Acredito que a peça tenta dar conta de tratar de algo que está para além da peça.

Perpassada por temas como imigração, desigualdade social e dificuldades em viver na metrópole,

vejo nesse grande manifesto com uma dramaturgia de denúncia, um grande ato de sobrevivência e uma resposta também à lógica institucional de estudo numa escola pública de teatro. Acredito que as perguntas invisíveis que as artistas trazem são: “como uma mulher como eu pode viver de arte?”; “como, num processo de sucateamento e dificuldade social, podemos nos formar em teatro?”. E a resposta que essas artistas deram foi estar num elenco com outras mulheres, negras, não-brancas, pcds; foi expurgar suas angústias no ato de se formar.

Um ponto alto do espetáculo é o momento em que os caixotes se tornam tambores, todas cantam um jongo e duas atrizes, ao centro, dançam e jogam junto. É um acontecimento chave, onde mais se dá uma possibilidade de transformação da realidade criticada na peça. Pode ser uma maneira muito interessante para fechar o espetáculo, dando uma proposta de resolução ao problema apresentado.

No mais, gostaria de ressaltar a importância da estrutura que o festival propõe, com bate-papo ao final de cada apresentação. Foram apontadas impressões gerais do público que causaram uma alta reflexão sobre o trabalho – questões duras foram levadas ao grupo. Porém, faz parte do caráter pedagógico de um festival estudantil. É assistindo aos colegas e sendo assistidos que podemos alimentar o nosso fazer. Qual o impacto que participar de um festival causa num grupo estudantil? E qual o impacto da participação de cada peça escolhida no festival?

Quando não nos identificamos com algo/alguém, pouco temos a falar sobre ele. Mas quando há uma

APRECIÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

identificação, um atravessamento mais profundo, temos mais ímpeto em querer tingir opinião. Às vezes somos mais incisivos, até mesmo críticos quando vemos no outro um espelho.

E o que eu levo desse espetáculo? Entrego do que foi pergunta, a resposta: Confusão, Fragmentos, Memória, Território-Revolta, Espaço, Camadas e Esperança.



FOTOS CAMILA FONTENELE





SOBRE AS ÁGUAS

POR MARIA LUIZA QUEIROZ FREIRE

estudante do 2º ano do curso de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí e bolsista ofício da Revista BULI no ano de 2025

Hoje caminhamos sobre as águas e navegamos pela história que elas têm para contar. Foram duas entrevistas em duas peças diferentes: *Manduka: Às Margens*, do Grupo Sala 9, e *Azimute*, da Cia. Fresquinha. Espetáculos bem distintos, mas com

um elemento em comum - as águas. *Manduka: Às Margens* se passa no nosso querido rio tatuiano; e *Azimute* nos leva ao Oceano Atlântico

Vamos lá. *Manduka: Às Margens* aconteceu em uma escola estadual pela manhã, então aproveitei para entrevistar alguém que trabalhasse lá, a Ana Paula. Ela estava extremamente atenta na peça e tinha uma feição de quem conhecia aquela história, como se sentisse próxima das personagens. Ao final da apresentação, me aproximei e pedi a entrevista. Não foi fácil convencê-la de que era a pessoa certa (até porque, eu mesma, não sabia quem seria a ‘pessoa certa’). Acho que pensou que iríamos conversar sobre poluição, políticas públicas, ciências ou coisas assim, mas, só queria saber quem ela era. Aceitou.

Ana Paula tem 43 anos, veio de São Paulo, mas já rodou bastante esse Brasil junto ao marido, até decidir morar em Tatuí. Veio em busca de uma vida sossegada onde pudesse criar suas crianças com maior tranquilidade. Ana tem cinco filhos: um menino e quatro meninas. Trabalha na escola como cuidadora de um aluno dentro do espectro autista, está ali há 3 anos com o mesmo jovem. Pedi que se descrevesse para mim. Ana Paula disse ser uma pessoa desconfiada, que precisa conhecer bem onde está para se abrir. Nas palavras dela: “pisar devagar onde vai”. Isso transparecia: seu olhar analítico me estudava, tentando decifrar minhas verdadeiras intenções. Mas eu só queria conhecer a mulher que assistira à peça com um sorriso discreto e atenção inquebrantável. Calada, observadora, aparentava muita calma, embora tenha confessado ser um leão com seus filhos. Sobre *Manduka: Às Margens*, Ana viu histórias, histórias que podem se perder se ninguém parar para contá-las.

Mesmo que não tenha sido linear, ou um texto longo e cheio de explicações, ela entendeu quem eram as personagens e as dores que é ver sua vida e seu passado sendo destruído aos poucos.

Em *Azimute*, conheci o oposto de Ana Paula. José Renato, um louco. Não sei se posso chamar de entrevista - ele me entrevistou também. Foi a primeira vez que alguém perguntou para mim alguma coisa. Então, chamo de *nossa entrevista*. E fomos longe. Na cadência do mar, atravessamos o tempo, desde as grandes guerras até a pandemia.

José Renato é músico: toca piano, cravo e fortepiano. Veio de São Carlos para trabalhar e estudar. E daí nossa conversa caminhou, confesso que faltou apenas a garrafa de cerveja entre nós.

Partimos de sua provocação: “Todo ponto de vista é a vista de um ponto”. Seu ponto de vista sobre *Azimute* recaiu sobre o lixo, não apenas o lixo físico, mas principalmente, o lixo da colonização, que transformou o Oceano Atlântico em um cemitério submerso. Sobre o palco, enxergou vazio e solidão.

José é casado. Recentemente, seu marido mudou-se para trabalhar em outra cidade: estão juntos, mas a rotina mudou. De instinto cuidador, agora vê o desafio de cuidar de si. Com sua casa vazia, o silêncio mostra seus sons. Aos poucos vem compreendendo a importância desse vazio: “a casa só tem utilidade se tiver espaços vazios”.

E agora, José? Sozinho, enfrenta a mesma pergunta de Jonas: “onde quero chegar?”. Nenhuma resposta

PERFIL

final, sabe que sua resposta lhe aguarda no final da vida. Até lá encontrará pistas que o ajudem a caminhar, ou melhor, navegar. Disse que tem vontade de voltar para Bolonha, onde morou por um ano pelo programa Ciências sem Fronteiras, mas o futuro permanece incerto. Sabe que “a vida é uma jornada individual e o tempo é uma ilusão”. Desistiu de procurar a história e o final perfeito. Dentro de sua imperfeição se apega à essência e continua a fluir sobre as águas que o envolvem.







CHARGES



GABRIEL



TADEU RENATO

CHARGES



LARA MIRARTE

COM CARINHO
PARA BANDO 18 *

ME CONTA
A SUA
HISTÓRIA?

KAIÃO



KAIÃO



MERDA! – AOS BASTIDORES

POR ANA MACHADO

estudante bolsista de **Apreciação Crítica no 30º FETESP**

Como uma peça nasce? Seria somente pelo que está em cena? Pelo que é visível?

Quem está por detrás das cortinas, coxias, fotografias, ou até, antes mesmo de entrarmos no teatro? O teatro só nasce em cima do palco?

Quem pergunta pelos nomes dos não-atores? Da não-peça? Do "invisível" que está sempre presente?

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

Questione-se. Procure saber.

Por detrás das celebridades há seguranças, produtores, operadores... Existe uma base sólida para que o edifício seja construído. Antes da música, há a escrita. Antes da escrita há o papel. Antes do papel, pessoas e mais pessoas que fabricaram, dispuseram de tempo, de trabalho para o material.

Quem são essas pessoas? Você já perguntou os nomes delas? Você já se questionou sobre isso?

A importância que damos ou não à essas pequenas coisas, diz muito sobre nós. Sobre nossas ações.

Você já deu bom dia aos porteiros, motoristas de ônibus, cobradores, bilheteiros?

Quem você reconhece como "gente"?

A quem damos a "devida importância"?

Estamos imersos em tipos de "balanças sociais" onde decidimos como vamos agir conforme quem é a pessoa que interagimos. É comum. A gente cresce fazendo isso.

Mas até quando vamos deixar o "comum" como um grande tanto faz? Se sempre foi assim, quer dizer que não tem a necessidade de mudar?

Não podemos mudar?

Questione-se. Procure saber.

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

E se não houvesse pessoas que tirassem os lixos e fizessem todo um tratamento? Naqueles que limpam e organizam os quartos em sua hospedagem? Nos figurinistas, cenografistas, sonoplastas, produtores e muitos mais trabalhos que envolvem os bastidores que antecedem a arte que você consome?

Questione-se. Procure saber.

O corre é dobrado para quem não vê.





ACESSIBILIDADE EM CENA: BASTIDORES DE UMA ATRIZ PCD

POR SARAH NOGUEIRA
Cia. Tal&Pá.

Minha entrada no Tal&Pá foi há 4 anos, por sinal depois de pisar pela primeira vez no teatro Ávila, após uma encenação da peça *O Bar do Caminho*, e

naquela época eu confesso que não tinha tanta certeza se conseguiria permanecer no grupo por muitas questões, inclusive a própria acessibilidade, pois era uma coisa muito nova para o grupo em geral. Quando cheguei pela primeira vez, tive dúvidas sobre como as oficinas seriam adaptadas para atender minhas necessidades, mas eles conseguiram driblar isso com grande maestria. Minha parte favorita são as oficinas, a gente aprende muito com elas. O teatro contribuiu muito para o meu desenvolvimento, tanto pela autonomia que me deu, quanto pelos ensinamentos que me foram acrescentados. O trabalho que mais tive dificuldades foi o nosso trabalho anterior, Chão Brasil, que também veio ao FETESP em edição anterior. Por mais que nesse trabalho eu usasse a cadeira de rodas durante toda a peça, eu não tinha a mesma autonomia que tenho agora com a cadeira motorizada, então era muito difícil, principalmente nas ruas que nos apresentávamos, que não eram nada acessíveis. O meu relacionamento com o grupo melhorou muito durante o 30º FETESP, pois estou me sentindo mais livre e com mais acesso ao coletivo em geral. Mas ainda não está tudo perfeito, eu ainda gostaria que o grupo se abrisse mais para mim, algumas pessoas ainda tenho um leve receio de acessar.

Participar do 30º FETESP pela segunda vez está sendo mágico, eu me sinto muito mais madura do que antes. A acessibilidade em Tatuí, para mim, pessoalmente, tem muito a melhorar: encontrei muitas guias rebaixadas esburacadas e molhadas, o que pode danificar facilmente minha cadeira de rodas. Muitos degraus altos, que tornam necessário juntar muitas pessoas para me auxiliar na descida, o que também pode danificar minha cadeira.

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

Tempus Fugit, como disse, me deu muita autonomia, especialmente em cena, coisa que nunca havia experimentado no palco. Nunca experimentei nem sair da cadeira em cena, quem dirá subir em cima de um andaime, ação que por muitas vezes fiz sozinha, não por pensar que não precisava de auxílio, mas por sentir segurança e confiança nisso. Eu diria para uma diretora de teatro que irá receber uma aluna PCD no elenco, que inclua essa aluna da melhor forma, pois essa aluna, se recebida bem, não vai querer sair do palco nunca, e vai sentir que ali é seu lugar, assim como eu senti.





BEBERAGENS DE ESPECTADOR

POR MARCUS GROZA

Colaborador convidado para realizar apreciações críticas para os espetáculos do 30º FETESP

Se vendo uma atriz escrevendo em cena, você nota que ela é canhota, talvez pense que está desviando a atenção, perdendo a chance de acompanhar o enredo aos detalhes, as metáforas, os efeitos visuais, a minúcia no rosto dessa mesma atriz, agora, bem na sua frente, explorando a “profundidade” da sua personagem.

Mas será mesmo que a percepção dessa “mão canhota em ação” não faz parte de algo que você veio encontrar aqui, vindo ao teatro?

Para justificar essa percepção, posso talvez lembrar como décadas atrás crianças canhotas ainda eram forçadas a fazer as ações com a mão destra. Mas, se o fato de ser canhoto provavelmente não foi “escolhido” para estar em cena, seria algo mesmo a que minha atenção deveria se ater?

A condição de cada corpa em cena, em presença compartilhada, para além do que foi “escolhido” pela direção, por “Deus” ou pelo acaso, é algo que vamos sempre perceber num trançado de sentidos possíveis. O teatro é uma arte carnal: o olhar de quem assiste e a “carne” do que é visto não se encontram de modo pacificado.

Se as atrizes começam a arremessar copos contra a parede do fundo do palco, talvez eu goste, entenda metaforicamente ou não, talvez eu me sinta ameaçado: “um caco pode voltar e bater em mim”, um espectador pode pensar. Um caco também pode voltar e bater nas próprias atrizes, ou no operador de som que estava perto da parede. É uma condição limiar que se abre: atração, perigo, desconforto, tesão. São diversas as emoções que o encontro de corpos no mesmo espaço põe em movimento.

A ampliação da percepção, o canto profético desacreditado, mas sempre rebelde... Se você ainda não leu, corre para ler o que saiu aqui no Buli sobre o incrível Por Visões, da Cia. Passo a 2 de Teatro, espetáculo convidado que esteve aqui no FETESP, com direito à

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

sessão extra.

*

Atuantes correm em círculo e, como numa piscina de ar, começa o vento a chegar onde estou, na primeira fileira.

O elenco começa a dançar, movimentos pélvicos ao som de tambores, a energia invade o público.

Noutra peça, sinto o cheiro do ator que passa correndo.

Uma das atrizes do elenco se machuca.

Que sentidos isso pode ter pra mim ao assistir a uma peça?

*

Toda performance tem uma proto-encenação.

Todos os diagramas de uma encenação se deformam no durante da performance.

Em outras palavras, como água em um copo furado,

as escolhas da encenação vazam na hora da cena:

Como fazer bonito com os vazamentos?

*

A influência do audiovisual foi algo presente em muitas peças do FETESP, direta e indiretamente. Dando aula, percebo que hoje é algo incontornável, principalmente na sensibilidade dos adolescentes. Mas as narratividades que vêm juntas com essa influência se potencializam, no teatro, quando narrar está subordinado à presentificação de corpos vivos compartilhando um mesmo tempo e espaço: quando a cena é metade estômago que digere a fruta, metade terra em que ela apodrece.

Se o encontro físico é algo que não se pode subtrair ao teatro, será que não há algo de estranho quando vou ao teatro e me sinto como se estivesse vendo uma novela, um filme ou uma série?

Para o desgosto de alguns, geralmente eu digo que não acredito em spoiler, mas acredito em rasuras, em manchas, sobreposições... Uma dramaturgia é um tecido de ações que deseja a cena ou que acaba possuído por ela. Nem precisa ser algo escrito, como sabemos. Assim, o manancial da narrativa é fértil e sempre nos dá de beber. O barato que temos ao ouvir e contar histórias é uma herança ancestral, um griot africano narrando em volta de uma fogueira é uma das origens para o que aceitamos chamar pelo nome grego teatro.

A questão mais importante não é tanto se vamos explorar diretamente esse manancial narrativo ou não. O mais decisivo são os modos como uma criação processa a narratividade, sem aderir ao modo hegemônico e anestesiante. Se é incontornável a chamada “guerra de narrativas”, é igualmente incontornável manter o coração tranquilo sabendo que o que importa, antes de tudo, é o invisível e indireto que o narrar corporificado nos apresenta.

Quando alguém leva muito a sério a coisa de não poder ouvir “spoiler”, talvez esteja preso a um certo “extrativismo narrativo”, preso na chave da trama linear e unívoca que poderia ser “estragada” (lembramos que “spoiler” ao pé da letra significa “estragador”, ou “desmancha-prazeres”). Porém, a menos que se trate de um suspense, a narrativa é um tecido complexo de muitos fios que não pode ser “estragada” quando puxamos um fio, quando contamos algo que ainda vai acontecer. Basta lembrar como as crianças não têm o prazer desmanchado ao ouvir as mesmas histórias repetidas vezes ou como, milenarmente, nas sociedades tradicionais a reprodução oral dos mesmos mitos formam o modo principal de transmissão de conhecimentos.

★

Ao longo das apresentações do FETESP, fiquei quase sempre na primeira fileira e pude observar as ações do fotógrafo João Maria. Durante os bate-papos con-

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

duzidos pelo VQV, ele estava já com o computador repassando as cenas do espetáculo, nas suas fotografias. Eu gravava os bate-papos em áudio no celular, liberava minha atenção a flutuar nas imagens junto com ele, lembrando o que tinha acabado de ver.

No primeiro dia deste Jornal Buli, as fotografias de João Maria já me “encheram os olhos”. Aos elogios ao trabalho, o seu sorriso responde que ele faz enquadrar: “o que conta é a cena!” Modéstia e simpatia: não é só enquadrar.

Vendo suas fotografias não surpreende saber que João tenha estudado artes cênicas: é alguém da cena que se levanta para fotografar, como outres se levantam para fazer figurino, cenário, dramaturgia...

Agora é meia noite e meia. Estou no Alquimia Bottequim, após a apresentação do Festival Cachorro Louco, e encontrei o João Maria. Tive a oportunidade de bater um papo com ele, que falou do “instante fotográfico”, do que é prever o momento preciso de um gesto, do que é respirar junto com o movimento do ator e da iluminação, para tocar o instante exato.

A cena é um rio, os corpos são as águas. João Maria é alguém oriundo da cena e com a manha de paralisar o rio, sem resultar apenas naquele borrão que vemos fugir pela janela de um carro em velocidade.

A formação poética do olhar, a sensibilidade para o instante preciso, não são coisas que se reduzem a técnicas aprendidas em manuais. É um cultivo que só o tempo revela. O que chamamos, por exemplo, de “olhar de fora” no teatro - direções, dramaturgis-

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

mo, etc - tem a ver, colateralmente, com esse olhar cultivado por um fotógrafo, especialmente de teatro.

É um presente que as peças do FETESP sejam fotografadas por João Maria.

*

P.S.: Em tempo: me disseram que Tatuí tem um outro jornal de artes cênicas fodástico, o irmão canino do Buli, o BILU. Não percam!





ENTRE O SENTIR E O SABER: AFORISMOS SOBRE O ATO DE ENTENDER

POR TADEU RENATO

Dramaturgo e professor de Artes Cênicas
no Conservatório de Tatuí.

Ao longo deste festival, a mediação conduzida pelo AVQV sempre seguia a mesma ordem de disparadores: *o que vimos/ouvimos; o que sentimos; o que entendemos*. Gosto dessa sequência em que sentido (ver/ouvir) vem antes, deixando a questão sobre a compreensão ao fim. Fiquei martelando sobre essa

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

questão em calçadas, mesas de hamburguerias e ruas da cidade: o que significa entender uma peça de teatro? De que forma isso acontece? Assim, fui rascunhando em meu caderninho (sempre levo um comigo para pensamentos de emergência) algumas ideias e perguntas que coloco aqui, como diálogo:

*

Entender é um gesto que oscila entre o desejo de apreender e a entrega ao mistério. Talvez não se trate de capturar algo, mas de ser afetado por aquilo que escapa.

O que é, afinal, entender?

*

Entender uma obra de arte pode ser uma tentativa de nomear o que se viu; mas também pode ser abrir espaço para aquilo que nos escapa e ainda assim nos atravessa.

É preciso entender para ser tocado?

*

Às vezes, o espetáculo penetra pelos poros, pelos ritmos, pelos olhos, antes mesmo de alcançar o pensamento.

Como traduzir um arrepio?

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

*

Há obras que só compreendemos anos depois, quando voltam à memória como se fossem sonhos antigos.

E se o entendimento for uma memória do futuro?

*

Artistas lançam sentidos ao mar, mas o público recolhe conchas diferentes na praia.

Quem realmente constrói o sentido da obra?

*

Existe um discurso que não é dito, mas acende no corpo: um silêncio que pesa, uma luz que some, um gesto suspenso.

O que diz uma ausência em cena?

*

Quando o teatro fala com imagens, sons, corpos e deslocamentos, algo em nós responde sem precisar de palavras.

O que acontece quando a escuta não passa pelo ouvido?

*

No palco, os acontecimentos se escrevem com mais do que palavras: luz, espaço, silêncio, presença.

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

Qual é o limite entre o sentido e o sensível?

*

O tempo da arte não é o da cronologia, mas o da reverberação: ela continua mesmo depois do fim.

Quando termina o que nos transformou?

*

Como lembra Leda Maria Martins, o corpo guarda memórias que pensam, gestos que lembram, danças que dizem.

E se o pensamento também caminhar com os pés?

*

O desejo de entender pode esconder a tentativa de controlar a obra, de submetê-la apenas à razão. A expectativa de que a obra entregue explicitamente seus conteúdos, ou que artistas o façam em um uma conversa com o público, pode abafar o mistério de descobrir outras linhas de fuga que reverberam em nós.

O que perdemos ao exigir sentido antes de sentir?



GRITO MANIFESTO

POR SASA DE SOUZA

**Estudante bolsista estagiário em produção
no 30º FETESP**

Sete Verbos Para Manter Corpo Viva é um grito geracional de muitas coisas entaladas nas nossas gargantas. Foi um despejo de manifestos; uma celebração; uma afronta para manter nossos corpos pulsando; para manter aquela sensação de poder ouvir o próprio corpo, quando tudo nos é roubado; é o tesão de viver, mas é também um lembrete da realidade, para que tentemos alterá-la.

Foi emocionante ouvir os nomes de tantas pessoas trans sendo homenageadas no palco e ovacionadas pelo público, ainda mais quando se tratou de nomes de pessoas tão próximas, enquanto corpos vivas, sendo reconhecidos. De alguma forma, esse dia foi histórico.



PARA ONDE VÃO NOSSOS FILHOS, DIANTE DO PERIGO E DO RETROCESSO?

POR VINÍCIOS PEIXOTO

Ex-estudante de teatro do Conservatório de Tatuí.

Vivemos numa grande putaria — ou pior: dentro de uma pocilga chamada Brasil. De onde vem

nossa ração? Amazônia, Cerrado, Pantanal, Pampa... talvez do desmatamento? É feita de sementes ou de inseticidas? Quem sabe o milho já nasce enlatado!

O Brasil é famoso por sua grande folia: carnaval, futebol, coxinha – tudo isso que anima.

Sou bicha, amiga de vários viados: alguns já mortos, outros ainda sofrendo...

Vivemos numa grande: você já sabe o quê!

Mas não somos putos: você sabe quem são! São eles que nos fazem sofrer a cada minuto: tic, tac, tic, tac, tic, tac...

Às vezes é preciso dançar, unir, pular e ovacionar quem subiu no palco: Preta Gil, Marsha P. Johnson, Kaká Di Polly, Leão Lobo e tantos outros...

Hoje, amanhã e sempre, sobrevivemos em meio à putaria!



SILÊNCIO

POR SARZI

**Eestudante do curso de Teatro para
Adolescentes do Conservatório de Tatuí.**

O entendo?

O que ele é?

Como alcançá-lo?

Ele é obra física?

Isso eu não sei.

Sei que ele é variável

AINDA REVERBERA

Apontável e escutado

Ele é feito por amor

Você ouve o que não vê?

Quando uma árvore cai

na floresta

só por que você não viu

a queda

quer dizer que ela não existiu?

Luz, sombra AÇÃO

Teste 1- cacofobia

A quebra faz um barulho agudo,

irritantemente interessante

O som é real mas e o silêncio é

palpável?



“POR VISÕES”

POR JHONY FURLANETO

Estudante do 2º ano do curso de teatro adulto do Conservatório de Tatuí e bolsista de produção no 30º FETESP.

Janta

Será que o barulho vira água?

Falas inusitadas

em momentos cotidianos,

inesperados,

AINDA REVERBERA

respiros de sinapses

que jogam luz pelos olhos.

Janta é o título no caso.

O momento cotidiano.

Do copo que segura o líquido

Mas vaza luz e som.

O imaterial externalizado do material,

A fala,

Sobre aquilo que acabou de acontecer.



A BANDEIRA DA INCLUSÃO SE FRAGILIZA QUANDO PENSADA EM RETALHOS.

POR PESSOA ANÔNIMA

para o espetáculo, *Sete Verbos Para Manter Corpo Viva*

Retalhos, como uma colcha feita por vó, exige carinho, afeto e cuidado. Cada encaixe, cada costura, exige foco e um olhar periférico atento. A peça "Sete Verbos Para Manter Corpo Viva" trouxe para noite do FETESP uma DENÚNCIA necessária de muitos temas que demandam debate e reflexão do público enquanto sociedade. Com recursos multimídia, o teatro

expande fronteiras, conversa com outras linguagens. Mas será que conversa com o público? São diversas bandeiras levantadas, grandes bandeiras materializadas e dançadas, inclusive, em cena. Enquanto arte educador, fico constrangido ao ver a intérprete de libras retomar ao seu spot de tradução agradecendo voltar ao seu trabalho. Com uma cenografia que se modifica ao longo do espetáculo inteiro, me pergunto se não poderia ser modificada também para permitir a interpretação de libras como prioridade, em um texto importante. Vale dizer ainda que sonoplastia e voz da atuação brigavam entre si e, por isso, fui levada a buscar a libras como recurso. Bom, sou pessoa transmasculina não binária e fui convidada a ocupar a fileira B, destinada a pessoas trans, segundo a produção. Não sou uma pessoa com deficiência, meu incômodo é enquanto arte educador até aqui. Porém, sou neurodivergente e fotossensível, e meu desconforto não parou. Acredito que existe um lugar legítimo da arte de nos tirar da zona de conforto. Mas será que usar uma iluminação diretamente voltada a platéia, com luzes intermitentes e sem aviso prévio é uma maneira válida? Era impossível se retirar no momento da cena de luzes piscantes, que foi longa o bastante para causar mau estar. Uma peça com tantos recursos, textos projetados no placo, porque não houve aviso prévio? Um texto simples: “Este conteúdo pode conter luzes intermitentes e padrões que podem desencadear mal estar em pessoas fotossensíveis.”

E se uma pessoa epilética tivesse convulsionado, quem se responsabilizaria? Não acho que essa crítica deva cair apenas sobre o coletivo em cena - vocês arrasaram, saibam. Porém, pergunto: até quando a gente vai seguir formando pessoas artistas sem (in) formações básicas de inclusão e acessibilidade? Re-

AINDA REVERBERA

gistro meu incômodo como chamado, um lembrete, de atenção a toda a comunidade artística, também às instituições de ensino e às pessoas formadoras e curadoras, às mostras e festivais.





BASTIDORES

POR CAMILA FONTENELE









[voltar ao topo](#)



EXPEDIENTE

Editores

João Fabbro
Tadeu Renato

Coordenador Editorial

Antonio Salvador

Produção Editorial

João Fabbro

Colaboradores Convidados

Marcus Groza
Ymoirá Micall

Colaboradores Bolsistas

Ana Machado
Lucaz Eusébio

Colaboradores

Gabriel
Kaião
Jhony Furlaneto
Lara Mirarte
Maria Luiza Queiroz Freire
Sarah Nogueira
Sarzi
Sasá De Souza
Tadeu Renato
Vinicius

Revisão de Textos

João Fabbro
Roberto Anzai
Tadeu Renato

Arte Design

Lívia da Silva

Assistente Arte Design

Renata Corrêa

Fotografia

Camila Fontenele
João Maria

Coordenador de Comunicação do 30º FETESP

Maurício Coronado

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustentados Organização Social de Cultura.



patrocínio



Zanchetta

cipatex®



MARQUESPAN
ALIMENTOS



parceria



Secretaria de
Espanha, Cultura,
Turismo e Lazer

realização

#SUSTENIDOS

tatuí conservatório
de música e teatro

CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO 1000%

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO